

Não mais "país do futuro": Brasil será a nação do presente

Marcelo Bragaglia (*)

O Brasil tem enfrentado um desafio crescente com a "fuga" de profissionais para o exterior

Segundo dados da Fragomen, a maior e mais antiga empresa de imigração do mundo, mais de 5 milhões de brasileiros residem em outros países atualmente, e o número de pedidos de mudança para nações como Estados Unidos, Austrália e Portugal aumentou em mais de 200% nos últimos anos. Essa diáspora de mentes brasileiras talentosas representa uma perda significativa para o país, mas também reforça a única solução para aumentar o seu potencial no mercado global: a tecnologia.

A inovação sempre foi um motor de progresso econômico e social. Desde a revolução neolítica até a era industrial, a capacidade de criar e implementar novas tecnologias têm impulsionado o avanço das sociedades. Hoje, em pleno século XXI, o significado de inovação está intrinsecamente ligado à tecnologia computacional, abrangendo inteligência artificial, software, blockchain, Internet das Coisas (IoT) e análise de dados.

O epicentro dessa revolução é o famoso Vale do Silício, na região de São Francisco, nos Estados Unidos. Lar de empresas como Apple, Google e Microsoft, o Vale do Silício surgiu como um centro de inovação durante a Guerra Fria, inicialmente focado em pesquisa e desenvolvimento para fins militares. Hoje, os melhores cérebros do mundo inteiro tentam um espaço no local, conhecido como o "Olimpo dos ecossistemas de tecnologia".

Além do Vale do Silício, Israel emergiu como outro polo de inovação tecnológica. Impulsionado pela necessidade de se destacar em um cenário geopolítico hostil, o país adotou uma abordagem que resultou na criação de um dos ecossistemas de startups mais dinâmicos do mundo. A combinação de investimento em pesquisa, incentivos fiscais e cultura empreendedora levou Israel a alcançar a maior taxa de sucesso na construção de startups.

No contexto brasileiro, o ecossistema de tecnologia está em ascensão, apesar de seu relativo estágio inicial. Há uma década, o cenário de startups no país era incipiente, mas hoje, o Brasil conta com inúmeros fundos de Venture Capital, Corporate Venture Capitals, investidores-anjo, empreendedores experientes, e profissionais qualificados,

que preferem trabalhar em empresas de tecnologia em vez de multinacionais ou grandes bancos.

Esse ambiente fértil tem impulsionado o surgimento de uma nova geração de empresas inovadoras, sinalizando um potencial promissor para o futuro.

Para que o Brasil possa competir globalmente e reter seus talentos, é fundamental que o país invista em inovação. O setor público deve fornecer um ambiente regulatório favorável, investindo em infraestrutura digital e promovendo parcerias público-privadas.

O Banco Central do Brasil, por exemplo, tem liderado iniciativas como o Open Banking e o Pix, que têm o potencial de transformar o setor financeiro e estimular o surgimento de novas fintechs. Apesar desses avanços, o Brasil ainda enfrenta desafios significativos, especialmente com a falta de deep techs, empresas cujo foco principal é a pesquisa e o desenvolvimento de tecnologias avançadas, como inteligência artificial, biotecnologia e nanotecnologia.

Para superar essa lacuna, é essencial criar um ambiente propício à pesquisa científica, com reforços em educação, remuneração apropriada para pesquisadores e parcerias entre universidades, empresas e o governo. O país está alguns anos atrás dos EUA, Israel e China, mas essa diferença não é impossível de ser revertida.

Se pensarmos em uma estrutura adequada, teremos o potencial de alcançar as primeiras posições em 15 anos e até mesmo reverter a pirâmide hierárquica atual. Naturalmente, isso requer um alinhamento cada vez maior de incentivos por parte do setor público. Open Finance, PIX, DREX e acesso simplificado a licenças bancárias, como IPs e SCDs, posicionam o Brasil como um dos melhores, se não o melhor lugar para empreender no setor de fintechs, empresas que utilizam tecnologia para solucionar desafios do setor bancário.

A tecnologia tem o potencial de impulsionar o país para o cenário global. Isso exigirá um compromisso de longo prazo para a criação de um ecossistema vibrante e sustentável. Se o seu máximo potencial em tecnologia e inovação for aproveitado, poderá deixar para trás o rótulo de "país do futuro" e abraçar a conquista de tornar-se uma nação poderosa no presente.

(*) - É especialista em finanças, tecnologia e CEO na Scalable (<https://www.scalable.com.br/>).

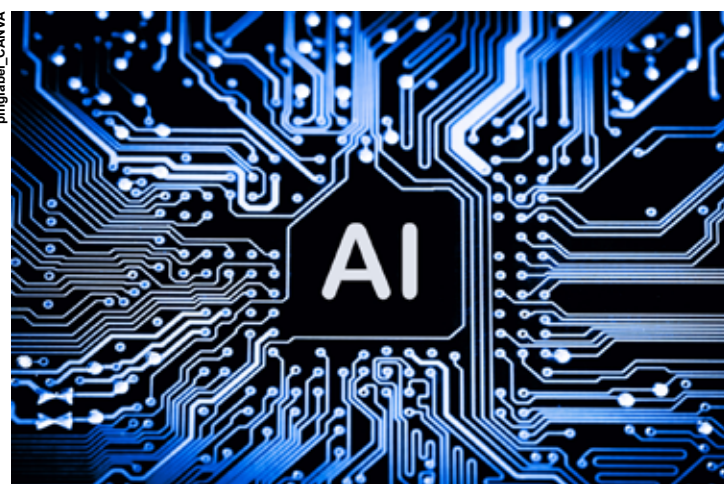
Cinco tendências de uso de IA nos meios de pagamento

A inteligência artificial (IA) continua a transformar os meios de pagamento, especialmente nos ambientes físicos, onde a inovação está cada vez mais presente

Com a expectativa de que o mercado de IA generativa alcance US\$ 13 trilhões até 2032, segundo um estudo da Bloomberg Intelligence, as oportunidades para o setor de pagamentos são vastas e promissoras.

Os terminais de pagamento, especialmente aqueles baseados em Android, têm se mostrado a plataforma ideal para o desenvolvimento e implementação dessas tecnologias, permitindo que as empresas ofereçam soluções mais inteligentes, seguras e personalizadas para os consumidores. Essas inovações não apenas melhoram a eficiência, mas também proporcionam uma experiência de usuário mais integrada e conveniente.

"A segurança e a eficiência continuam a ser as prioridades, mas a IA traz novos horizontes para a personalização e conveniência nas transações físicas, possibilitando um novo patamar de interação entre clientes e sistemas de pagamento", afirma Alexandre Silveira, Diretor de Produtos da Ingenico.



Pensando nisso, a Ingenico separou as cinco principais tendências que devem chegar ao mercado de terminais de pagamento:

• **Deteção e prevenção de fraudes** - A IA permite a análise em tempo real de padrões de transações, identificando atividades suspeitas antes que possam causar danos. Com algoritmos avançados, a segurança das transações é significativamente aumentada.

• **Reconhecimento biométrico** - Tecnologias de reconhecimento facial, de voz e de leitura de palma da mão estão ganhando espaço, proporcionando uma camada extra de se-

gurança e conveniência, permitindo autenticações sem necessidade de senhas ou cartões.

• **Manutenção preditiva** - Utilizando dados de uso dos terminais, a IA pode prever e prevenir falhas, garantindo que os dispositivos estejam sempre operacionais e reduzindo os custos de manutenção.

• **Personalização de experiências** - A IA pode oferecer recomendações e ofertas personalizadas diretamente nos terminais de pagamento, baseando-se no histórico de compras do cliente e aumentando a relevância das interações.

• **Uso de metadados em decisões informadas** - A aplicação de metadados em modelos estatísticos permite que as empresas de pagamentos tomem decisões mais precisas e informadas, melhorando a eficiência dos processos.

Assim, as tendências que estão se consolidando no mercado indicam um futuro em que a IA não só transforma as transações financeiras, mas também amplia as possibilidades de interação e segurança, moldando uma nova era para os pagamentos físicos.

Com a IA, os terminais de pagamento não são apenas dispositivos para processar transações, mas ferramentas inteligentes que oferecem novas oportunidades para comerciantes e consumidores.

"A aplicação da IA em terminais físicos é um campo em constante evolução, e o desenvolvimento de soluções que integram essas tecnologias de maneira segura e eficaz é uma prioridade para a indústria," finaliza o especialista. - Fonte e outras informações: (<https://ingenico.com/pt>).

Como o seguro garantia é impactado pela economia geral

O seguro garantia é uma ferramenta essencial para assegurar a execução de contratos e projetos em diversos setores, especialmente em momentos de crescimento econômico. Ele se torna ainda mais relevante em um cenário onde o aumento de investimentos em infraestrutura e obras públicas impulsiona a demanda por garantias sólidas e confiáveis.

Em tempos de expansão econômica, a multiplicação de projetos de infraestrutura, como construção de estradas, pontes, aeroportos e obras de saneamento, exige que as empresas envolvidas apresentem garantias que assegurem a conclusão dos empreendimentos dentro dos prazos e custos acordados. Nesse contexto, o seguro garantia desempenha um papel crucial ao oferecer segurança financeira para contratantes e contratados.

Rodrigo Gouveia, CEO da FINN Seguros, corretora de seguros corporativos, destaca: "Quanto mais a economia se aquece e novos projetos de infraestrutura, serviços e fornecimento de bens/material são lançados, maior é a necessidade de garantias robustas. O seguro garantia se torna uma peça-chave nesse momento, permitindo que empresas de todos os portes possam fechar bons contratos, assegurando o cumprimento de suas obrigações contratuais."

O impacto do seguro no mercado pode ser influenciado por diversos fatores econômicos. Em períodos de crescimento econômico, além do aumento significativo nos investimentos em infraestrutura, que impulsionam a demanda por esse tipo de seguro, as taxas de juros também desempenham um papel fundamental.

Em ambientes com taxas de juros elevadas, o custo do capital se torna mais alto, o que pode reduzir a quantidade de projetos e, consequentemente, a demanda por seguros garantia. Por outro lado, taxas de juros baixas podem estimular investimentos, aumentando a necessidade de garantias contratuais.

Políticas fiscais e governamentais também são determinantes. Políticas de austeridade ou cortes em investimentos públicos podem resultar em uma diminuição da quantidade de contratos públicos, impactando negativamente a demanda por seguros garantia. Em contrapartida, políticas que incentivam o investimento público podem criar um ambiente favorável ao aumento da procura por essas demandas.



"É interessante observar como o seguro garantia se adapta a diferentes cenários econômicos. Em tempos de uma economia mais equilibrada, ele é um impulsionador de negócios; em períodos de crise, ele se torna um elemento de segurança para a continuidade das operações", explica Rodrigo.

A estabilidade política e regulatória de um país também influencia a demanda pelo serviço. Em ambientes mais estáveis, a percepção de risco é menor, o que pode reduzir a necessidade de garantias. Entretanto, em contextos de instabilidade, as empresas buscam mais proteção para garantir o cumprimento de seus contratos.

Outro fator a ser considerado é a inflação, que pode impactar diretamente os custos de construção e outros gastos relacionados a projetos. Altas taxas de inflação podem levar a ajustes nas apólices de seguro, tanto em termos de valor quanto de condições, para cobrir esses aumentos de custo.

Finalmente, as condições do mercado de crédito e a concorrência no setor de seguros influenciam o custo e a acessibilidade do seguro. Um mercado de crédito restrito pode aumentar a procura por seguros, pois as empresas buscam alternativas para garantir seus contratos sem depender exclusivamente de financiamentos.

A presença de muitas seguradoras no mercado pode reduzir os custos, tornando-o mais acessível e ampliando sua utilização. - Fonte e mais informações: (<https://fynnseguros.com.br/>).